



Ciências Humanas:

Caráter Polissêmico e
Projeção Interdisciplinar

Antonio Carlos da Silva
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
(Organizadores)

 **Atena**
Editora
Ano 2021



Ciências Humanas:

Caráter Polissêmico e
Projeção Interdisciplinar

Antonio Carlos da Silva
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
(Organizadores)

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências humanas: caráter polissêmico e projeção interdisciplinar 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Maiara Ferreira
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
Antonio Carlos da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: caráter polissêmico e projeção interdisciplinar 2 / Organizadores Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti, Antonio Carlos da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-131-9

DOI 10.22533/at.ed.319210406

1. Ciências humanas. I. Cavalcanti, Vanessa Ribeiro Simon (Organizadora). II. Silva, Antonio Carlos da (Organizador). III. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

“Não creio que possa haver qualquer processo de pensamento sem experiência pessoal. Todo pensamento é repensa” (ARENDT, Hannah. A vida do espírito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2012, p. 41).

Entramos em um momento histórico que somente com abordagem crítica, pluriversa, multireferenciada e plural poderemos assinalar o que fizemos de melhor como também anunciar o porvir. Os sujeitos sociais experimentam e narram vivências que exigem caráter polissêmico em prol de direitos, bem como matizam novas abordagens sobre exclusões, vulnerabilidades, assimetrias, subalternidades, tendências e interpretações de textos, contextos e agentes interseccionais.

A realidade – por meio de investigação teórica e análise histórica - está sempre em construção e as adaptações se realizam a partir da consciência dos processos mundiais e relacionais de vida social. Deste modo, com projeção interdisciplinar, confirmam emergências de temas, sujeitos e problemas que caracterizam as Ciências Humanas como um campo do conhecimento essencial para desenvolvimento social. São olhares sobre existências, resistências e processos que configuram o objetivo dessa obra.

Tomando esse argumento, o livro resulta de caminhos individuais e coletivos, de pesquisa, ensino e extensão. Tal percurso reflete intenções, desejos e, sobremaneira, trilhas que se cruzam - interdisciplinarmente e compondo partes que versam para além do senso comum - enveredando por bases científicas como instrumento de transformação.

Os dados apresentados e analisados são pontas de iceberg, denotando rigor e metodologias múltiplas. Destacam-se contributos de várias regiões desse país-continental e em diversas modalidades. São esforços para compreender, analisar, demonstrar e criar análises rigorosas e metodologicamente pautadas em fontes e vertentes argumentativas.

Nesse sentido, focalizando nas linhas gerais e valorizando o processo construção de saberes, esse livro faz uma análise dos fluxos e dos conteúdos concernentes aos processos que, em prol da descrição densa, engendram interfaces para compreensão dos fenômenos que nos cercam ao sugerir recomendações para um mundo justo.

Apreender que a totalidade das Ciências Humanas e Sociais fornecem um olhar atento sobre a consistência dos instrumentos, sejam das políticas já existentes como, sobretudo, de avaliação empregados nestes registros de desempenho dos projetos e programas. Os chamados “problemas retorcidos” (Rittel & Webber, 1973), podem não só servir de instrumento, problematizando e oferecendo visão crítica e avaliativa, tendo como centralidade também a aproximação com sujeitos “de carne e osso”, de subjetividades, pessoas (mulheres, idosas, deficientes, privadas de liberdade) e expressões de Humanidade (em suas múltiplas áreas) que tomam a responsabilidade e assumem compromisso ético oferecendo oportunidades para desenvolvimento de ações pertinentes e distantes das “incertezas”.

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
Antonio Carlos da Silva

REFERÊNCIAS

RITTEL, H.W. & WEBBER, M. Dilemmas in a General Theory of Planning. In: Policy Sciences 4. Amsterdam: Elsevier Scientific Publishing Company, 1973, pp. 155-169.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DIÁLOGO ABERTO: TEORIA LIBERTÁRIA E CRÍTICA EMANCIPATÓRIA

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Antonio Carlos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.3192104061

CAPÍTULO 2..... 15

CONFLITO E IDENTIDADE NO ESPAÇO PÓS-SOVIÉTICO: O CASO DE NAGORNO-KARABAKH

Danielle Amaral Makio

Larissa de Castro Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.3192104062

CAPÍTULO 3..... 31

PRECARIIDADES (DES)MASCARADAS. TRAMAS ONTOLÓGICAS, RECONHECIMENTOS E GIROS PELAS ABORDAGENS DE JUDITH BUTLER

Angela Virgínia Brito Ximenes

DOI 10.22533/at.ed.3192104063

CAPÍTULO 4..... 45

PROJETO SIM (SERVIÇO DE ATENDIMENTO INTEGRAL ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR): PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA ÁREA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA MULHERES

Fernanda das Chagas Valente

Flávia Bascuñan Timm

Heloisa Maria de Vivo Marques

Rúbia Cristina Porto

DOI 10.22533/at.ed.3192104064

CAPÍTULO 5..... 57

A CONDIÇÃO DA MULHER EM CONFINAMENTO: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA OCUPAÇÃO DO EDIFÍCIO SEDE DA PETROBRAS DURANTE A GREVE DOS PETROLEIROS

Mariana Marujo Velloso

Marinete dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.3192104065

CAPÍTULO 6..... 67

A PROTEÇÃO INTEGRAL DAS PESSOAS IDOSAS EM TEMPOS DE PANDEMIA POR CORONA VÍRUS: UM ESTUDO A PARTIR DA PROMOTORIA DE JUSTIÇA DE DIREITOS HUMANOS

Ulisses Campos de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.3192104066

CAPÍTULO 7	92
A POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO	
Hádria Samille Palhano Galvão	
Jeovana Nunes Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.3192104067	
CAPÍTULO 8	104
A FUNÇÃO DA ESPIRITUALIDADE E DA RELIGIÃO NA RESSOCIALIZAÇÃO DOS RÉCUPERANDOS DA ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS DE PARACATU-MG	
Renato Paulino Borges	
DOI 10.22533/at.ed.3192104068	
CAPÍTULO 9	111
AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL DE 1967 A 2019 E O PATRIMÔNIO HISTÓRICO FORTIFICADO	
Marina da Silveira e Melo	
Pedro Gomes Januário	
DOI 10.22533/at.ed.3192104069	
CAPÍTULO 10	120
O CENTRO HISTÓRICO E A EXPANSÃO DA CIDADE DE SÃO LUÍS: PROTEÇÃO, HABITAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL	
Marina da Silveira e Melo	
Pedro Gomes Januário	
DOI 10.22533/at.ed.31921040610	
CAPÍTULO 11	130
HOOK, LINE, OR SINKER?: CHOICES IN ARCHAEOLOGICAL EPISTEMOLOGIES - TWO SOUTH AMERICAN CASE STUDIES	
John Gabriel O'Donnell	
Klaus Kristian Hilbert	
DOI 10.22533/at.ed.31921040611	
CAPÍTULO 12	148
ARQUEOLOGIA SOCIAL INCLUSIVA E CONSERVAÇÃO DA ARTE RUPESTRE DOS SÍTIOS BARRO BRANCO I E TEMPLO DOS PILARES – ALCINÓPOLIS – MS	
Maria Conceição Soares Meneses Lage	
Benedito Batista Farias Filho	
Igor Linhares de Araújo	
Wellington Lage	
Danyel Douglas Miranda de Almeida	
Pablo Meneses Lage	
DOI 10.22533/at.ed.31921040612	

CAPÍTULO 13	162
“COTIDIANO” DE RONALDO MIRANDA: IMAGINAÇÃO VISUAL E CONSTRUÇÃO DA PERFORMANCE DE CANÇÃO DE CÂMARA COM TEMÁTICA CONTEMPORÂNEA E MÚSICA PÓS-TONAL	
Gisele Pires Mota	
DOI 10.22533/at.ed.31921040613	
CAPÍTULO 14	173
INTERDISCIPLINARIDADE: PERSPECTIVAS E DIFICULDADES NA IMPLEMENTAÇÃO NO ENSINO DE FÍSICA ATRAVÉS DA HISTÓRIA E TECNOLOGIAS	
Tathiana Moreira Diniz Ribeiro Cotta	
DOI 10.22533/at.ed.31921040614	
CAPÍTULO 15	184
A IMPORTÂNCIA DAS DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS NA FORMAÇÃO DOS LICENCIANDOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO IFTO- <i>CAMPUS</i> ARAGUATINS	
Idrlan Alves Batista	
Rafael de Jesus Costa	
Maiara Sobral Silva	
DOI 10.22533/at.ed.31921040615	
CAPÍTULO 16	196
ESPERANÇA E CONSOLO: UMA HERMENÊUTICA DO LIVRO DE APOCALIPSE PRESENTE NA TEOLOGIA DE MARTINHO LUTERO	
Maelite Costa de Araújo	
João Inácio Bezerra da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.31921040616	
CAPÍTULO 17	203
PARA ALÉM DO CORAÇÃO AQUECIDO: FRATURAS E PEQUENAS CRISES NUMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COM JOHN WESLEY	
Álvaro Nunes Lorangeira	
Tarcis Prado Junior	
Moisés Cardoso	
Franco Iacomini Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.31921040617	
SOBRE OS ORGANIZADORES	214
ÍNDICE REMISSIVO	215

CAPÍTULO 1

DIÁLOGO ABERTO: TEORIA LIBERTÁRIA E CRÍTICA EMANCIPATÓRIA

Data de aceite: 21/05/2021

Data de submissão: 25/04/2021

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica de Salvador e Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a mulheres, gênero e feminismo (PPGNEIM/UFBA)
Salvador - Bahia
<http://lattes.cnpq.br/6538283866214716>
<http://orcid.org/0000-0002-5689-8206>

Antonio Carlos da Silva

Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica de Salvador (PPGPSC/UCSal) e Coordenador do Núcleo de Estudos sobre Educação e Direitos Humanos (NEDH/UCSAL)
Salvador-Bahia
<http://lattes.cnpq.br/2735855153608701>
<http://orcid.org/0000-0003-1584-7784>

RESUMO: O presente capítulo busca elucidar que qualquer alternativa voltada à emancipação deve, prioritariamente, romper com os grilhões da alienação e do fetiche. Em outras palavras, da mercantilização de todos os aspectos da vida, que contradiz o desenvolvimento do sujeito e a realização de Justiça Social. Deste modo, a Teoria Crítica é a vertente epistemológica para descrever a linhagem emancipatória para suplantar a tese do absurdo, um constante buscar dialético por sentido e unidade em um mundo no qual a valorização do valor é o sujeito

automático da sociedade. Para tanto, propomos o retomar à crítica da Economia Política, como instrumental teórico, para apreender o processo de desenvolvimento da humanidade. Uma conciliação entre o sujeito e o resultado de sua ação (*práxis*) ao estabelecer o papel histórico do sujeito em detrimento do contínuo consagrar do consumidor predicado neste sistema de reprodução social do capital. Tal alusão crítica, não se fundamenta sob os auspícios do tradicional “marxismo do movimento operário”, mas sob a crítica do fetichismo moderno e da crítica da produção de mercadorias como sistema, seguindo o contributo teórico do pensador alemão Robert Kurz (1943-2012). Afinal, a globalização de uma nova crítica social deve ser tão transnacional como o próprio capital para o pensamento crítico triunfar frente a torpeza e redefinir o conceito de humano, do simplesmente humano.

PALAVRAS - CHAVE: Emancipação, Alienação, Teoria Crítica, Robert Kurz, Economia Política.

OPEN DIALOGUE: LIBERTARIAN THEORY AND EMANCIPATORY CRITICISM

ABSTRACT: This chapter seeks to elucidate that any alternative aimed at emancipation must, primarily, break with the fetters of the alienation and the fetish. In other words, the commercialization of all aspects of life, which contradicts the development of subject and social justice realization. Thus, Critical Theory is the methodological and epistemological north of this emancipatory “adventure” to supplant the absurd thesis, a constant search for dialectic for meaning

and unity in a world in which the valorization of value is the automatic subject of society. To this end, we propose to return to the criticism of Political Economy, as a theoretical tool, to apprehend the process of development of humanity. A reconciliation between the subject and the result of his action (praxis) by establishing the subject's historical role to the detriment of the continuous consecration of the consumer predicated in this social reproduction system of capital. This critical allusion is not based on the auspices of the traditional "Marxism of the workers' movement", but on the criticism of modern fetishism and the criticism of the production of commodities as a system, following the theoretical contribution of Robert Kurz (1943-2012). At last, the globalization of a new social critique must be as transnational as capital itself for critical thinking to triumph over turpitude and redefine the concept of human, of the simply human.

KEYWORDS: Emancipation, Alienation, Critical Theory, Robert Kurz, Political Economy.

A crítica colheu nas algemas as flores imaginárias, não para que o homem suporte as amarras sem cuidado ou conforto, mas para que lance fora as algemas e colha a flor viva.

Karl Marx (Manuscritos Econômico-Filosóficos, 2004, p. 46)

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

Karl Marx (18 Brumário de Luís Bonaparte, 1997, p. 19)

VENTOS, VENTANIAS... PRENÚNCIOS

Se pudéssemos antever o nosso devir histórico, tal como a Sibila de Cumas¹, a busca pela emancipação seria um pesar ou um desfrutar da aventura? Conscientes ou não de que as circunstâncias não nos pertencem, podemos ser, tal como asseverou Marx (2013), os determinantes de nossa própria História?

Em tempos de intensas manifestações sociais, violações dos Direitos Humanos e uma adequação ilimitada ao Mercado e suas leis, qual tomada de decisão e busca por uma agenda de promoção de justiça social podem os sujeitos históricos tomarem como metas coletivas de construção presente? Não obstante, como recriar o espaço público àquela parcela da sociedade dos sem parte e engendrar ações primacialmente políticas?

O desvelar desta jornada, aqui uma certeza de aporia não um refratário axioma, está dependente do legado daqueles que escreverem os parágrafos desta narrativa dialética e em constante conflito com os arautos de uma "modernidade" que insistem em relatar o fim da história. Modernidade aqui entendida como o "campo" histórico que constitui o "moderno

1 Na mitologia grega, a Sibila de Cumas anotava em folhas as previsões de Apolo sobre o porvir. As folhas eram lançadas ao vento e os sacerdotes do templo buscavam coletá-las.

sistema produtor de mercadorias, a forma da mercadoria totalizada, a transformação incessante do trabalho abstrato em dinheiro e, com isso, na forma de um processo, a “valorização” ou a economização abstrata do mundo”. (KURZ, 1997, p. 93)

Desde os anos 1980, o prenúncio de um novo estágio da crise estrutural do capital ganhou pautas e letras, sobretudo por críticos das humanidades. Debates intensos, abordagens teórico-epistemológicas sobre os ciclos da crise delinearão o que se convencionou chamar de convulsões do tempo presente².

Esse contexto de “movidas” estruturais apontava ainda o retornar de indagações que marcaram registros desde o século XIX, como atestam a “Era das Revoluções” (1789-1848) e a “Era do capital” (1848-1875) nos estudos críticos do historiador britânico Eric J. Hobsbawm.

Neste sentido, elencar representações literárias e historiográficas que se ocuparam desses embates é objeto central desse ensaio. Mary Shelley³, em “O último homem” procurou, por intermédio do absurdo metafísico, identificar o sentido e a unidade em um mundo desprovido de razão. Se para o romance, publicado originalmente em 1826, a peste era a personagem icônica, a partir do século XX é a mercantilização de todos os aspectos da Vida a protagonista de uma sociedade em que a valorização do valor é o seu sujeito automático⁴.

Em contextos diversos há muito mais do que supõe a vã filosofia fundada na querela de um mundo assistido pela organização política democrática e a lógica do mercado, buscando no fetiche, valor e mercadoria seus mais certos elementos. O que Robert Kurz caracterizou como a “razão sangrenta” (2010) que se transporta em pigmentações de ontologia negativa e aceitação acrítica do positivismo ocidental.

A separação do sujeito e o resultado de sua ação é uma representação espetacular do sistema de produção moderno, o que torna a lógica subjacente do capitalismo, ou seja, o critério de rentabilidade, uma ameaça à humanidade. Dentro da “razão” instrumental e mercantil, consoante o apregoado pelo Banco Mundial e aludido aos quatro ventos na adaptação mitológica de Jeffrey Sachs (2021) sobre o papel do Estado neste frenesi da economia empresarial, o estigma do crescimento econômico é a peste de nossos tempos – o absurdo transformador em ordem.

Em outras palavras, o reconhecimento de si para si, que a cultura promovia na criação dos povos em nação, é substituída pela simples e brutal rentabilidade dos sujeitos, não mais históricos, mas como um fenômeno natural, a transcendência de um mundo no qual o trabalho humano serve apenas ao insaciável dever de valorização irracional do capital.

2 Com forte influência do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP), criado em França, no final da década de 1970. Destaque para os contributos de Henry Rousso, René Rémond e Jean Pierre Rioux (AREND; MACEDO, 2009).

3 Antecipando em mais de um século a proposição existencialista de Albert Camus sobre “O mito de Sísifo” (2021).

4 Entretanto, sob os efeitos da COVID-19, que continuam a devastar os alicerces político-econômicos mundiais, o alerta de Walter Benjamin – em seus ensaios “Sobre o conceito de História” (2020) - é indispensável para realizar outro devir: escovar a história a contrapelo para suplantarmos as vicissitudes da totalitarização do capital e do fetiche da mercadoria.

Os defensores do capital gostam de descrever a ordem existente como uma espécie de predestinação divina para a qual não houvesse alternativa civilizada. Muitos deles arbitrariamente projetam as relações capitalistas de troca até a aurora da história, eliminando assim sua contingência e capacidade histórica de transcendência para poderem idealizar (ou pelo menos justificar) até seus aspectos mais destrutivos (MÉSZÁROS, 2015, p. 181).

O crescimento econômico é a esperança de inserção dos países periféricos em um grupo privilegiado de países desenvolvidos. Oito ou vinte, pois depende do clube em que a industrialização é sinônimo de riqueza. A própria palavra desenvolvimento remete ao entendimento de novíngua orwelliana, isto porque não há qualquer referência ao real desenvolvimento no sentido filosófico do termo, tanto em Platão como Aristóteles, de fazer do sujeito um elemento de transformação, passível de agir tanto sobre a sociedade como sobre si mesmo, em contrapartida ao ambiente público propício para ampliar suas habilidades e capacidades (FURTADO, 2013).

Tal assertiva corrobora com a tese defendida por Celso Furtado, economista e intelectual brasileiro, na qual toda e qualquer reflexão sobre o desenvolvimento requer uma abstração filosófica, uma necessária crítica radical do ser, em sua complexidade e completude. Portanto, ser social e político em contraposição ao tripé masculino, branco e ocidental que determina as estruturas do atual sistema de produção social e, por conseguinte, busca alienar questões de gênero, raça, etnia e territorialidade do debate emancipatório (BUTLER, 2018; FEDERICI, 2019).

Neste contexto, a Teoria Crítica ou crítica radical está presente. Em artigo de 1997, com o curioso título de “A estupidez dos vencedores”, Robert Kurz questionava se a (aparente) vitória da economia de mercado livre sobre a economia planificada de Estado não era uma recorrente vitória de Pirro (mais uma alusão ao dicotômico interpretar neoliberal da formação de preço e valor com uma “entidade” única). Isto porque, se para enfrentar as variações cíclicas de um sistema em que a circulação do capital não pode cessar, ao custo de uma derrocada sistêmica, quais são os êxitos do neoliberalismo?

É importante destacar que o questionamento de Kurz é sustentado pelos estudos de Angus Maddison (2014) sobre a história da acumulação de capital, em que há um consenso tácito de que o crescimento econômico deve manter-se em 3% para garantir a lucratividade; abaixo de 1% a economia mundial está em recessão (leia-se risco sistêmico)⁵. Isto porque, destaca o economista britânico, o reinvestimento constante de parte significativa do excedente de capital é condição *sine qua non* para manter a lucratividade.

Desde a década de 1980, as taxas de crescimento global não superam os 2,5 % (THE WORLD BANK, 2019) e a manutenção do sistema neste ritmo de crescimento é dependente da ampliação do crédito.

⁵ O risco sistêmico é o tema principal dos livros de David Harvey “17 Contradições e o fim do capitalismo” (2016) e “O enigma do capital” (2011) publicados no Brasil pela editora Boitempo.

Desde o fim dos anos 80, assistimos em todo o mundo à agonia do marxismo, do socialismo, do movimento operário, dos movimentos de libertação nacional, e não só. Também o clássico Estado de bem-estar social burguês está em desintegração, o paradigma keynesiano não passa agora duma nostalgia e os regimes do «desenvolvimento» no Terceiro Mundo desmoronam-se, também nas suas variantes pró-ocidentais. Já nem sequer os revivalistas nostálgicos do romantismo revolucionário terceiro-mundista têm uma perspectiva social própria sobre a história mundial [...] Os velhos paradigmas de esquerda de reforma e revolução no entendimento tradicional tornam-se caducos à escala da sociedade mundial, uma vez que já não existe qualquer horizonte de regulação e de transformação organizadas estatalmente. Em toda parte as instituições que restam da antiga luta de interesses sociais içam a bandeira branca da rendição. O conceito de “reforma social” transformou-se no seu exato oposto e foi semanticamente ocupado pela contrarreforma neoliberal, que aos poucos vai reduzindo todas as conquistas sociais, sistemas de segurança social e serviços públicos ao núcleo repressivo que sempre lhes foi inerente. O paradigma neoliberal já não é uma posição peculiar, mas um consenso suprapartidário, que atinge grande parte da esquerda, a qual mais não consegue que dar expressão às ideologias retrógradas de uma época passada, como oposição aparente, ou a fracas adaptações delas. (KURZ, 2007, grifos nossos).

Tal como indicado nos grifos acima: por etapas, por regiões e com intensidade diferentes os últimos quarenta anos consubstanciam reformas e “consensos” desde estruturais aos culturais.

O resultado disto é uma constante resignação e conformismo com lampejos sociais como podem ser exemplificados pelos protestos que assolaram o mundo em 2011, com destaque para “Primavera Árabe” (Egito), “*Occupy Wall Street*” (Estados Unidos) e “Indignados” (Espanha).⁶ O direito à revolução, tal como asseverado por Thoreau (2016), de que todo indivíduo deve lutar contra um Estado no qual a tirania e a incompetência são insuportáveis não pode coexistir sem a afirmação do sujeito histórico (CAVALCANTI & SILVA, 2021).

PERÍODO OUTONAL: OS DIÁLOGOS ENTRE HARVEY E KURZ E A ALTERNATIVA EM PIKETTY

O questionar de David Harvey - como o capitalismo sobrevive é por que é tão propenso a crises? (2011, p. 41) - determina ou desvela o nosso devir histórico? As folhas lançadas pela Sibila de Cumas podem elucidar e/ou obscurecer o porvir. No entanto, ainda somos os responsáveis por nossa própria história - apesar das circunstâncias. Assim, retornar à crítica da Economia Política (em especial, das suas categorias em relação à estatalidade) é o nosso instrumental para apreender o processo de desenvolvimento dialético da humanidade como uma aporia e estabelecimento da *práxis* em oposição a

6 Sem olvidar dos expressivos movimentos “Geração à rasca” (2011) e o “Passe Livre” (2013) que dominaram a agenda política em Portugal e Brasil, respectivamente.

*poíesis*⁷.

Não sob os auspícios do tradicional “marxismo do movimento operário”, mas priorizando a crítica do fetichismo moderno, da crítica da produção de mercadorias como sistema, da crítica da valorização do valor como sujeito automático da sociedade. Neste pronunciamento teórico é relevante elucidar que

esta dimensão profunda de toda modernidade tem como consequência deixar de ver as categorias básicas do moderno sistema produtor de mercadorias como objetos positivos ontológicos (...) para submetê-las a uma crítica radical, como objetos negativos e históricos (KURZ, 2007, p. 2).

Deste modo, em resposta ao questionar do geógrafo britânico supracitado, deduzimos em Kurz (2007) que o capitalismo, em sua composição antagônica, somente está a sobreviver em decorrência de um paradoxo: a Economia Política da Simulação. Em outras palavras, na ampliação do sistema de crédito que afetará sobremaneira o consumo, o não sustentável, o colapso da modernização⁸. O que podemos confirmar com o surpreendente e atual manifesto de Marx, presente no volume três de “O Capital”, em que o trabalho produtivo é transformado em moeda e substituído pelo simulado crescimento da base monetária.

O processo econômico moderno pode ser definido como a inesgotável transformação desse trabalho em moeda. Toda moeda que não espelha um trabalho precedente é moeda sem substância e, por isso, simulada. (KURZ, 1997, p. 129).

Aqui, vale a ressalva, não estamos a centrar o debate em uma atualização da luta de classes, pois não há uma oposição sociológica imanente (no sentido kantiano) entre os representantes do capital e do trabalho assalariado, mas um sistema de referência comum para essas classes: o insaciável processo de transformação do trabalho humano em mais-valia.

Não importa a classe social, sob os auspícios do atual “campo” histórico, todo o trabalho tem apenas a função de aumentar o nível de rentabilidade.

Enquanto o marxismo tradicional da luta de classes tinha problematizado apenas a apropriação jurídica superficial da mais-valia pelo capitalista, nós abarcamos a forma social de sujeito automático que serve de base. A mais-valia deixa de ser um objeto positivo, que uns têm e outros não têm, e que se possa exigir ou tirar [...] Tal como o valor, como forma de acumulação sem fim, também o trabalho abstrato, como seu conteúdo, se torna igualmente um

7 Não separar o sujeito do resultado de sua ação é uma premissa básica para reestabelecer o papel histórico do sujeito em detrimento do avassalador desenvolvimento do consumidor predicado. A *poíesis*, diferente da *práxis*, elucidada Aristóteles (2013), está intimamente ligada à ideia de trabalho como técnica, portanto, em oposição à prática em que o sujeito e a ação são inseparáveis.

8 Em alusão ao título homônimo do primeiro livro de Kurz publicado no Brasil (1992), a abstração do valor pode ser apreendida por meio da comparação entre os dados do “PIB Mundial” e do “Mercado Global de Derivativos” para 2019: US\$ 87,73 trilhões e US\$ 640 trilhões, respectivamente. Fonte: The World Bank e Bank for International Settlements (<https://www.bis.org>).

fim em si irracional, indiferente a qualquer qualidade social ou material [...] O programa da crítica não deve ser a distribuição justa do valor, mas sim a sua abolição, por ser a forma irracional de uma riqueza abstrata destrutiva. Não são o “ponto de vista do trabalho” nem o “orgulho pela criação de valor” que conduzem para além do capitalismo, mas, pelo contrário, é a crítica radical das modernas “abstrações reais” de trabalho e valor. (KURZ, 2007, p. 3)

Um resquício explícito desta simulação do capital de si próprio é como controlar o aumento dos ativos financeiros sem compreender que a desvalorização da moeda sem substância pode ocorrer independente do cenário inflacionário ou deflacionário na economia mundial.

À medida que mais capital excedente entrou na produção na década de 1980, particularmente na China, a concorrência intensificada entre os produtores começou a colocar pressão sobre os preços. Os lucros começaram a cair, apesar da abundância de trabalhadores com baixos salários. Como resultado, cada vez mais dinheiro entrou na especulação em ativos, porque era onde os lucros eram mais passíveis de serem realizados (HARVEY, 2011, p. 32).

A taxação progressiva e a tributação da riqueza, parte das soluções apresentadas, por exemplo, em Thomas Piketty (2014), apenas arranham a superfície do problema, pois apesar de concentrar esforços legítimos para reduzir a desigualdade social crescente em termos globais, não atenta para a definição processual do capital: o contínuo movimento/circulação. O capital não é apenas, como avalia Piketty, o estoque de todos os ativos em mãos diversas (entre eles os Estados, as empresas transnacionais e os indivíduos isolados) que podem ser interpenetrados na lógica do Mercado.

O movimento tautológico do capital, transformar o dinheiro de um meio de circulação em um fim em si mesmo, não pode ser ignorado. O progresso técnico somente serve aos interesses de manutenção do processo de competição (leia-se acumulação e reprodução do capital) que podia ser assessorado pelos Estados Nacionais nesta lógica da economia empresarial quando os custos eram externalizados em contraposição ao processo de diminuição do trabalho abstrato inserido na produção.

Entretanto, como observou o sociólogo alemão Burkart Lutz (*apud* Kurz, 1997), essa assimetria entre a racionalização microeletrônica e a globalização dos mercados e do trabalho impede o Estado nacional de financiar o processo de civilização moderna e centrada na competição, portanto, na redução dos níveis de desigualdade.

Não é o aumento das taxas de crescimento econômico⁹ que poderá contornar as restrições aludidas (ambientais, de mercado, de rentabilidade e espaciais) e garantir os 3% necessários para o recorrente processo de lucratividade mundial.

A produtividade aumenta com rapidez cada vez maior, ao passo que a expansão do modo de produção, considerada na sua totalidade, chegou ao fim. Por isso, a esperança por um novo surto de acumulação é bastante

⁹ O mecanismo de compensação apregoado pelo pensamento neoclássico. A base para Thomas Piketty elaborar suas proposições críticas sobre o “Capital no Século XXI”.

ingênuo. A partir de agora, fica claro que a autocontradição fundamental, segundo a qual essa sociedade se baseia na transformação incessante de *quanta* abstratos de trabalho em dinheiro, chegou a um ponto no qual não se pode mais mobilizar rentavelmente *quanta* suficientes de trabalho no patamar dos padrões de produtividade, criados pela própria sociedade. Já não é mais um fenômeno cíclico, mas um fenômeno estrutural. (KURZ, 1997, p. 113).

Para justificar o Estado nacional, tal como o conhecemos, prevalece mais um movimento tautológico: o fomentar de um contrato social vertical em uma sociedade de consentimento¹⁰. Para além da leitura hobbesiana, em que o indivíduo abdica de todos os seus direitos em nome de um contrato de segurança com o Estado, há um arrefecer da área de regulamentação deste mesmo Estado, que necessita ampliar sua dependência monetária frente ao mercado para financiar esse modelo.

No entanto, não podemos olvidar que o meio de regulação do Estado nacional é o dinheiro. Um sensível paradoxo, pois a fonte real de financiamento do Estado, para garantir a infraestrutura econômica e a realização de Políticas Públicas, é a taxação de lucros e salários.

Quanto mais fraca se tornar a acumulação real, tanto menos o crédito estatal será financiável, e, quanto menos o Estado puder ser financiado, tanto maiores se tornarão as suas tarefas em virtude da crise estrutural da acumulação. É nesse círculo vicioso que a própria modernidade produtora de mercadorias se aprisionou. (KURZ, 1997, p. 113).

UM FENÔMENO ESTRUTURAL, NÃO CONJUNTURAL OU A-HISTÓRICO

Aqui a coleta das folhas, espalhadas pelo vento - em analogia a Sibila de Cumas - está intrinsecamente relacionado com o pronunciar de Marx na abertura deste ensaio, pois o objetivo é assumir a responsabilidade por seu próprio destino ao lançar fora as algemas e colher a flor viva. O devir histórico, para além do capital e do Estado nacional, é sustentado por um desvelar atípico.

O embate dialético e histórico entre, no mínimo, dois princípios, revela o outro pólo do sistema de fetiche moderno: as categorias econômicas e político-jurídicas não são, em verdade, antagônicas, mas ao longo da história do moderno sistema produtor de mercadorias, as duas faces de um mesmo campo histórico. Mercado e Estado; Economia e Política; capitalismo e socialismo; *homo economicus* e *homo politicus*.

Neste contexto, a panacéia criada para alocação do excedente de capital (lembrar dos 3% em Maddison), em distintos estágios da crise estrutural do capital, foi e continua a ser o fomentar de uma economia de guerra, que precisa sempre de um antagonista. Um inimigo comum que, mais um paradoxo, ao invés de alimentar o processo de crescimento

10 Denominação presente nos estudos de Hannah Arendt sobre a desobediência civil (2013). A dissidência está em consonância com a tese VIII de Walter Benjamin sobre a necessidade histórica em instaurar um real estado de exceção capaz de fazer frente ao recrudescer da barbárie e, por conseguinte, da liberdade como a razão de ser da política (2020).

econômico, torna-se refém de uma política mundial de valorização do valor sem substância¹¹.

Estamos lidando realmente com uma profunda “ruptura de época” e com uma crise secular da sociedade (...) O modo de viver capitalista é demasiado unilateral, o mercado é demasiado débil, para que esse sistema pudesse sobreviver sem a existência de um pólo oposto (...) o fundamentalismo é o castigo merecido pela soberba da economia de mercado, bem como pelo fracasso do socialismo ou do pólo da modernização através do Estado, da economia planificada e do coletivismo. (KURZ, 1997, p. 92).

FETICHE, ESPETÁCULO E ALIENAÇÃO: FORTES MATIZES CONTEMPORÂNEOS

A espetacularização da vida, parafraseando Guy Debord (2021), não será suplantada apenas pelo restabelecimento do sujeito e do resultado da ação, mas com a eliminação de suas contradições. Neste contexto, é contraproducente insistir em uma alternativa reformista de humanização do capitalismo¹².

A diferença é que a criatura tem nome: capital. O criador adquire, não obstante o processo de simulação, uma única e sombria faceta, pois o sujeito, tal como elucidado, não é o dominador, mas o submetido aos interesses de reprodução e acumulação de sua própria criatura.

Com uma ressalva, aqui o problema não é mais de identificação do sujeito ético-moral e sim o da espetacularização do ser político:

A decadência global da política enquanto instância reguladora da vida social manifesta-se de várias maneiras: como recusa da política e das ideologias tradicionais por parte dos cidadãos; como perda da soberania por parte dos Estados Nacionais; como redução neoliberal das competências do Estado. A política encontra-se reduzida ao papel indispensável, mas subordinado, que é estruturalmente o seu na sociedade da mercadoria, ainda que, durante boa parte do século XX, as necessidades ligadas à fase ascendente dessa sociedade (superação das formas pré-capitalistas, integração de toda a população na lógica da mercadoria) tenham feito parecer mais importante o papel da política. (JAPPE, 2014, p. 28-29).

O repensar da política é uma necessidade emergencial. O reconhecimento de todos os sujeitos à revolução, reiterando o aludido em Thoreau, não pode ser confundido (apenas) como o recrudescer da organização democrática desta mesma política. Vale ressaltar que a tese dos meios, presença marcante em Aristóteles, enuncia um papel conciliador nas

11 Neste limiar de uma nova Era, na qual as consequências da irracionalidade econômica são manifestas nas relações com a natureza (da variedade de doenças aos recorrentes desastres naturais), a precariedade da vida humana será uma constante. Situações pandêmicas, como as vivenciadas pela COVID 19, confirmarão que se os limites da valorização do capital não forem redefinidos a expansão mundial financiada pelo crédito resultará em (cada vez mais) regiões miseráveis abandonadas (KURZ, 2015).

12 Uma paradoxal relação de criador e criatura, tal como em “Frankenstein ou o Prometeu Moderno” (2019) de Mary Shelley, que estabelece os pilares para a filosofia do absurdo (que aludimos anteriormente como o cerne do pensamento de Albert Camus - ao questionar a relação do sujeito ético-moral com a crescente mercantilização de todos os aspectos da vida).

formas mistas de governo. Para tanto, ao evitar a derrocada do sistema para uma tirania sem precedentes, algo mais próximo da barbárie, necessitamos discordar do sistema jurídico vigente, pois como sabemos, “a lei realmente pode estabilizar e legalizar uma mudança já ocorrida, mas a mudança em si é sempre resultado de uma ação extralegal” (ARENDDT, 2013, p. 72).

Para isso, a democracia, como ideologia legitimadora da lógica de Mercado, é o destituir do sujeito ético-moral. A democracia, em tempos espetaculares (DEBORD, 2021) molda o consumidor-predicado alienando-o da capacidade de consciência e reconhecimento do outro como sujeito ético-moral. Não obstante, esse consumidor-predicado sobrevive em um constante dilema: sua existência está em constante ameaça se não for uma existência rentável.

Como alude Kurz (2015), não basta o lucro por si só, é preciso atender aos anseios ilimitados da criação de riqueza. Contudo, o paradoxo mais uma vez está presente, o capital necessita de trabalho humano para justificar sua valorização irracional por mais capital. Aqui está a mácula do sistema: a contradição interna do moderno sistema de reprodução do capital não comporta a emancipação em decorrência da eliminação do fetichismo da mercadoria e da valorização do valor como sujeito automático da sociedade.

O capitalismo, entretanto, é uma composição estrutural. Passível de mudança e real transformação (MESZÁROS, 2015). Destarte, ressaltamos a proeminência da crítica radical da Economia Política para apresentar um contributo teórico para emancipação da sociedade regida pelos ditames do capital em contínua confrontação com a emancipação da criatura: o capital.

Nesta crise social mundial, desenvolver a crítica categorial do moderno sistema produtor de mercadorias e da sua metafísica real não significa para a “EXIT!” elaborar conceitos de curto prazo para vencer a crise e oferecê-los numa venda ambulante de ideias. A crítica tem que poder ser por princípio negativa e só a partir da negação dos fundamentos pode surgir uma prática alternativa. Trata-se de organizar conscientemente a utilização dos recursos e possibilidades humanos em novas instituições sociais, em vez de seguir cegamente as “leis” duma “segunda natureza” fetichista. Se no passado a crítica categorial foi uma possibilidade não cumprida, agora ela tornou-se uma necessidade de sobrevivência. Nesta nova situação histórica, ainda mais perigosa se torna a constituição de ideologias e mais necessária ainda se torna a crítica da ideologia (sem abdicar da análise da dinâmica objectiva da crise). Pois da crise fundamental da moderna relação de valor e dissociação não se segue necessariamente a libertação do fetichismo; pelo contrário, esta está entregue à acção humana. Do mesmo modo, o caminho para a barbárie e para o “afundamento colectivo” (Marx) é igualmente possível. A saída está em aberto. (KURZ, 2007, p. 6).

BRISAS EMANCIPATÓRIAS

Não há regresso ao modelo de sociedade anterior ao sistema de reprodução social do capital. Precisamos, antes de tudo, construir a base ontológica positiva para triunfar frente à crise de valores advindos do iluminismo e a crença da inalienação da propriedade. Todavia, negando as perspectivas iluministas de uma racionalidade da economia empresarial, em que a criatura emancipada de seu criador (o capital), agora coisificada em consumidor-predicado, continue a se propagar independente da dicotomia saudável/nocivo. A economia empresarial estará sempre em busca de menores custos e das vantagens inerentes a uma organização política carente de estabilidade.

A emancipação do sujeito histórico dos grilhões da economia de mercado, adornadas pelo Estado regulamentador da atividade econômica, depende da libertação do domínio monetário. Não há regresso para a história da emancipação por meio dos movimentos operários, uma ilusão de ótica para a reorganização do Estado, sob orientação neoliberal, que aparenta libertar a sociedade consumidora da mão-invisível smithiana.

A reflexão sobre a política deve tornar-se uma reflexão sobre o fim da política e sobre a forma da totalidade que reveste a sociedade moderna, isto é a forma mercadoria. O fato desta constituir, para a consciência burguesa, "uma forma a priori", aparentemente natural e indiscutível, nunca apreendida de maneira consciente, não impede que essa forma-mercadoria condicione toda a vida política. (JAPPE, 2014, p. 29).

A linha de argumentação seguida não se trata de um revisionismo histórico, mas de identificação dialética do processo de emancipação social em uma sociedade fetichista (LOSURDO, 2017). Deste modo, compreende a missão civilizadora do capital como tarefa histórica para controle e assimilação do movimento operário.

A luta de classes, portanto, precisa ser avaliada para além da fragilidade sociológica e em consonância com a universalidade abstrata na forma mercadoria. Aqui o papel da política não pode ser reduzida à esfera dos Estados nacionais¹³.

Se o fim da política não for assumido de modo consciente como uma tarefa a levar a cabo e como possibilidade de nos libertarmos de uma categoria fetichista, é de temer que formas ainda mais terríveis substituam a política [...]. É necessário que as correntes teóricas e práticas da crítica radical da sociedade mercantil, pouco numerosas até agora, se encontrem. Só uma tal crítica é realista, pois se podemos eventualmente abolir a sociedade espetacular mercantil, já não é possível reformá-la. (JAPPE, 2014, p. 36).

A não-valorização da vida como opção é uma afronta ao sujeito ético-moral. O não-reconhecimento (absoluto ou relativo) do indivíduo retira de sua essência o valor mais precioso: a humanidade. O totalitarismo presente nesta assertiva, a eliminação do sujeito

13 Apesar de reconhecer a importância das lutas defensivas, travadas no espaço e reorganização do público – como os já citados movimentos “*Occupy*” e “*Indignados*” -, elas não apreendem uma perspectiva libertária universal. Para tanto, vale conferir o provocativo capítulo “Política sem política”, em “*Crédito à morte*” (JAPPE, 2013).

como proprietário de sua própria história, desvelado pelas circunstâncias exteriores a ele, mas factíveis de mudança, é a mutação do ser em um nada¹⁴.

O absurdo desta constatação está em incorrer na formulação do sujeito como ser abstrato e não real e passível de agir sobre a sociedade e sobre si mesmo. O real desenvolvimento propriamente dito infere ao recorrer na essência da humanidade. Na emancipação de toda e qualquer espécie de coisificação. A crítica do próprio conceito de política é uma condição *sine qua non* para superar a *peste/capital* e poder interpretar as folhas de nosso devir histórico como algo novo e histórico.

As objeções e o indignar-se frente à violência ética são um pressuposto à crítica. O suplantar da abordagem ontológica do ser - o atentar para uma crítica categorial identitária presente nas contradições inerentes do sistema vigente - o caminho para análise histórica. Pois, seguindo a observação daqueles que escreveram os parágrafos de uma narrativa dialética da história, não basta apenas interpretar o mundo de várias maneiras: a emancipação depende de mudanças estruturais.

Neste caminhar para criação de outro devir histórico (o desfrutar da aventura) não olvidemos do alerta:

Se nenhuma categoria social correspondeu às projeções daqueles que procuravam o portador da emancipação, por outro lado, sempre surgem de novo oposições às condições desumanas da vida no capitalismo. Essa paisagem cheia de falsos amigos e de ajudas inesperadas constitui o campo, de difícil leitura neste momento, onde toda “recomposição política” deve tomar posição desde já (JAPPE, 2013, p. 100).

Afinal, a globalização de uma nova crítica social deve ser tão transnacional como o próprio capital. Isso, anunciam os ventos mais críticos, possibilitaria o triunfo do pensamento crítico, especialmente escrito diante da torpeza e da necessidade de redefinir o conceito de humano, do simplesmente humano. Destarte, a convocatória da Teoria Crítica coaduna, sobremaneira, com a promoção de direitos e da Ética como caminho possível.

REFERÊNCIAS

AREND, Sílvia M. Fávero; MACEDO, Fábio. Sobre a história do tempo presente: entrevista como o historiador Henry Rousso. **Revista Tempo e Argumento**, volume 1, número 1, 2009, pp. 201-2016. Disponível em <https://www.redalyc.org/jatsRepo/3381/338130370013/html/index.html>

ARENDR, Hannah. **Crises da República**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ARISTÓTELES. **Ética e Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o Conceito de História**: edição crítica. São Paulo: Alameda Editorial, 2020.

14 A angústia revelada por Sartre em “A náusea” (2019), em nada se compara ao suicídio em Vida apregoada por Camus em “O mito de Sísifo” (2021).

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembléia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. São Paulo: Record, 2021.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon & SILVA, Antonio Carlos da. Entre necropolíticas e rumos para vidas vivíveis: Ética e Teoria Crítica como instrumentos. **Revista Inclusiones**, vol. 8, n. 2 (2021), pp. 157-172. Disponível em <https://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/2444>

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Lisboa: Antígona, 2021.

FEDERICI, Silvia. O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

FURTADO, Celso. **Essencial Celso Furtado**. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2013

HARVEY, David. **17 Contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as cries do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções (1789-1848)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era do Capital (1848-1875)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

JAPPE, Anselm. **Uma conspiração permanente contra o mundo**: reflexões sobre Guy Debord e os situacionistas. Lisboa: Antígona, 2014.

JAPPE, Anselm. **Crédito à morte**: a decomposição do capitalismo e suas críticas. São Paulo: Hedra, 2013.

KURZ, Robert. **Poder mundial e dinheiro mundial**: crônicas do capitalismo em declínio. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

KURZ, Robert. **Razão Sangrenta**: 20 teses contra o chamado Iluminismo e os “valores ocidentais”. São Paulo: Hedra, 2010.

KURZ, Robert. **Com Marx para além de Marx**: o Projecto Teórico do Grupo “EXIT!”. Lisboa, 2007. Disponível em http://www.obeco-online.org/exit_projecto_teorico.htm. Acesso em 25 de abril de 2021.

KURZ, Robert. **Os últimos combates**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOSURDO, D. **Guerra e revolução**: o mundo um século após outubro de 1917. São Paulo: Boitempo, 2017.

MADDISON, Angus. **Economic Growth in the West**: Comparative Experience in Europe and North America (English Edition). London: Routledge, 2014.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858 (esboços da crítica da Economia Política). São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A montanha que devemos conquistar**: reflexões acerca do Estado. São Paulo: Boitempo, 2015.

PIKETTY, Thomas. **O Capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

SACHS, Jeffrey. *The Ages of Globalization – Geography, Technology, and Institutions*. New York: Columbia University Press, 2021.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

SCHELLEY, Mary. **O último homem**. São Paulo: Editora Plutão, 2020.

SCHELLEY, Mary. **Frankenstein ou o Prometeu Moderno**. São Paulo: Penguin, 2019.

THE WORLD BANK. **The World Bank Annual Report 2019**: Ending Poverty, Investing in Opportunity. Washington, 2020. Available in <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/32333>.

THOREAU, Henry D. **Desobediência civil**. São Paulo: Edipro, 2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antropologia 105, 106, 148

Arqueologia 8, 131, 132, 149, 150, 151

Arquitetura 23, 57, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 125, 126, 130

Arte Rupestre 8, 149, 150, 151, 155, 156, 161, 162

B

Biologia 187, 190, 192, 193, 194, 196

C

Centro Histórico 8, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129

Cidades 112, 113, 116, 120, 121, 129

Conhecimento Científico 49

Coronavírus 58, 62, 64, 65, 66, 68, 82, 83, 92

COVID-19 3, 32, 41, 69, 70, 74, 75, 78, 79, 83, 85, 91, 92

Crise Sanitária 68, 69

D

Didática 96, 107

Direitos Humanos 7, 1, 2, 32, 39, 42, 43, 46, 47, 53, 54, 56, 62, 68, 73, 75, 77, 78, 80, 81, 87, 92, 102, 107, 109, 111, 215

E

Economia Política 1, 5, 7, 11, 15, 41, 61

Educação Inclusiva 8, 93, 94, 95, 97, 100, 101, 103

Ensino 5, 8, 9, 47, 49, 55, 56, 57, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 103, 174, 175, 176, 178, 183, 184, 187, 188, 189, 193, 194, 195, 215

Ensino Superior 8, 49, 93, 94, 95, 96, 97, 101, 103, 175, 176, 188

Estado 3, 4, 5, 8, 9, 10, 12, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 32, 35, 37, 42, 43, 44, 68, 69, 70, 71, 73, 76, 77, 81, 82, 83, 85, 87, 90, 91, 94, 101, 106, 107, 111, 115, 122, 123, 125, 126, 129, 149, 151, 161, 174, 176, 187, 206, 209, 211, 212, 215

Ética do cuidado 32

Exclusão social 8, 121, 125, 127, 211

Extensão Universitária 7, 46, 47, 49, 50, 56, 57

F

Física 9, 48, 54, 87, 89, 90, 96, 98, 99, 100, 112, 118, 121, 129, 171, 174, 176, 183, 196

G

Gênero 1, 4, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 43, 47, 48, 53, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 69, 92, 215

H

Hermenêutica 9, 197, 200, 201, 202, 203

Humanidades 3, 32, 38, 39, 131, 215

I

Identidades 16, 20, 23, 24, 36, 39, 109

Imagética Visual 163, 164, 170

Interdisciplinaridade 9, 70, 174, 176, 183, 188, 190, 194

Iphan 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 150, 151, 155, 158, 161

J

Justiça Social 1, 2, 68, 70

L

Lei Maria da Penha 46, 48, 50, 56

Liberdade 5, 9, 28, 44, 53, 70, 71, 86, 87, 88, 107, 110, 120

M

Metodologias 5, 201

Mulheres 5, 7, 1, 40, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 215

Música 9, 163, 164, 166, 167, 170, 171, 172, 211

N

Nagorno-Karabakh 7, 16, 17, 18, 19, 21, 30, 31

P

Pandemia 7, 41, 58, 59, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 91, 92

Patrimônio Histórico 8, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 127, 129, 151, 161

Performance 9, 21, 112, 145, 150, 163, 164, 165, 170, 172, 174, 186

Pessoa com Deficiência 93, 94, 95, 97, 98, 102, 103

Pessoas Idosas 7, 41, 68, 69, 70, 75, 78, 79, 81, 83, 86, 87, 91

Poesia 43, 163, 164, 165, 172

Políticas Públicas 8, 9, 23, 41, 51, 54, 55, 70, 73, 80, 86, 87, 91, 94, 95, 96, 101, 112, 113, 114, 115, 119, 215

Precariedades 7, 32, 41, 43

Protestantismo 204

R

Religião 8, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 213

S

Sistema prisional brasileiro 105

Sítio arqueológico 147, 150, 153, 154, 155, 157, 161

T

Teologia 9, 197, 198, 200, 201, 202, 213, 214

Teoria Crítica 1, 4, 13, 14, 32, 44

Transdisciplinaridade 46, 47, 50, 51, 53, 56

U

UNESCO 113, 116, 117, 121, 122, 126, 161




V

Violência Doméstica e Familiar 7, 46, 47, 49, 50, 53, 54, 55



Ciências Humanas:




Caráter Polissêmico e
Projeção Interdisciplinar

-  www.arenaeditora.com.br
-  contato@arenaeditora.com.br
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  www.facebook.com/arenaeditora.com.br



Ciências Humanas:

Caráter Polissêmico e
Projeção Interdisciplinar

-  www.arenaeditora.com.br
-  contato@arenaeditora.com.br
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  www.facebook.com/arenaeditora.com.br